

oportunista após a agressão da pele. Durante os últimos anos, uma das maiores preocupações na dermatologia veterinária tem sido o crescente número de *Staphylococcus* resistentes a diversos antimicrobianos utilizados no tratamento dermatológico. Os sinais clínicos da piodermatite são: prurido, secreção purulenta, alopecia e presença de células inflamatórias na citologia. A cultura bacteriana é indicada para confirmar o diagnóstico, e o teste de sensibilidade aos antimicrobianos permite a escolha adequada do antibiótico, assegurando melhora clínica do paciente após a instituição do tratamento. Este trabalho identificou os principais agentes etiológicos envolvidos nas piodermatites em cães atendidos no Hospital Escola de Medicina Veterinária do Fepi, em Itajubá (MG) e avaliou a resistência e sensibilidade dos microrganismos isolados. Amostras foram coletadas de dez cães que tinham alterações clínicas compatíveis com piodermatite bacteriana. A partir das lesões localizadas na superfície da pele dos animais, foram coletadas amostras diretamente das crostas e pústulas, com auxílio de um *swab* estéril com meio Stuart, com movimentos circulares para realização da cultura e do antibiograma. Foram isolados na cultura *Staphylococcus epidermidis*, *Staphylococcus aureus* e *Citrobacter freundii*. Em 9 das 10 culturas houve crescimento de apenas um agente bacteriano e em um paciente foram observados dois gêneros bacterianos diferentes em uma só cultura. O micro-organismo mais prevalente foi o *Staphylococcus epidermidis*, e o mais resistente foi o *Citrobacter freundii*. Todos os agentes etiológicos apresentaram resistência a alguns antibióticos, demonstrando a necessidade da realização de cultura acompanhada de antibiograma para a determinação da melhor abordagem terapêutica, evitando a ocorrência de recidivas.

34 CISTO FOLICULAR HÍBRIDO EM CANINO

FERREIRA, M. B.¹; FERNANDES, K. S. B. R.¹; SILVA, A. M.¹; ROCHA, B. Z. L. L.¹; MARQUES, K. C.¹; BEZERRA, J. A. B.¹; FILGUEIRA, K. D.²

¹ Médicos-veterinários residentes em Clínica Médica de Pequenos Animais na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa). E-mail: mirlla.baracho@gmail.com

² Médico-veterinário, mestre e docente (Ufersa)

Os cistos híbridos, também referidos como cistos mistos ou panfoliculares, são estruturas não neoplásicas que combinam, histologicamente, dois ou três tipos de epitélio folicular na mesma lesão. Essa forma de apresentação cística é pouco frequente em cães. Este trabalho relata um caso de cisto folicular híbrido em um canino macho, dois anos, sem raça definida, que apresentava aumento de volume cutâneo, com evolução de três semanas e rápido crescimento. O paciente foi submetido a avaliação física e foi realizado exame citológico da lesão, biópsia excisional e envio do

material para histopatologia.

Os parâmetros vitais do animal estavam normais. Havia um nódulo (2,3x2,4x1,4cm) subcutâneo liso, íntegro, séssil e sem aderência a planos profundos localizado na região lateral cervical direita. Não foram observadas lesões em outras áreas anatômicas aparentes. A citopatologia revelou-se inconclusiva. A avaliação histopatológica detectou cisto folicular híbrido de combinação infundibular-matricial. O animal apresentou adequada recuperação pós-operatória, sem ocorrência de recidivas até o momento. Em cães e seres humanos, a forma mais usual de cisto folicular híbrido é o infundibular-ístmico, ou seja, quando há preenchimento por um epitélio infundibular com células granulosas em combinação a um epitélio ístmico da bainha externa da raiz folicular. Tal citação reforçou o aspecto insólito do tipo de cisto folicular híbrido detectado neste relato. Vale salientar que os cistos panfoliculares podem evoluir para neoplasias, como os tricoepiteliomas, cujo comportamento clínico é variável, assim como as respectivas características histológicas e graus de diferenciação associados. Logo, a imediata intervenção cirúrgica adotada no caso em questão tornou-se essencial na prevenção de tal progressão. O cisto folicular híbrido deve ser considerado um importante diagnóstico diferencial dentre as lesões proliferativas da pele dos cães.

35 O EMPREGO DA HOMEOPATIA NO CONTROLE DA AGRESSIVIDADE CANINA: RELATO DE CASO

MANHOSO, F. F. R.¹; DA SILVA, F. C.²; LIUTTI NETTO, L.³

¹ Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília/SP. E-mail: fabiomanhoso@unimar.br

² Médico-veterinário aprimorando em Clínica Médica de Pequenos Animais da Universidade de Marília

³ Acadêmico do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília

A agressividade, comportamento do repertório dos cães, não é necessariamente uma condição patológica, mas um meio de comunicação que pode ser classificado como ofensivo ou defensivo. A agressividade ofensiva está relacionada à dominância, *status* social ou aspecto predatório. A defensiva, por sua vez, relaciona-se a uma ameaça, envolvendo medo ou dor. O comportamento agressivo de um cão pode ser expressão do tratamento recebido pelo tutor ou reflexo do ambiente em que foi criado, influenciando seu temperamento. A terapêutica da agressividade se baseia no tratamento convencional, à base de benzodiazepínicos, fluoxetina ou em algo especializado, como a homeopatia, com destaque aos medicamentos *Belladonna*, *Hyosciamus*, *Ignatia*, *Nux vomica*, *Lachesis*, *Lycopodium*, entre

outros. Nesse sentido, relata-se um caso de agressividade ofensiva em um cão, Shih-tzu, dois anos de idade, atendido no Hospital Veterinário da Universidade de Marília, com histórico de desespero com crises de ansiedade, principalmente à noite, não gostando de solidão. Ficava sempre encolerizado, algumas vezes perdendo o controle, tornando-se irritável por coisas banais e com muito mau humor ao despertar. Além disso, o paciente permanecia a maior parte do tempo sozinho, devido aos compromissos profissionais de seus tutores. Constatando-se que o animal nada apresentava ao exame clínico, instituiu-se tratamento homeopático com *Lycopodium* 12CH, administrando cinco gotas a cada 12 horas, e *Ignatia* 30CH, cinco gotas uma vez ao dia por 30 dias. Ao primeiro retorno, os tutores relataram uma melhora substancial, classificando-a em 50%, a terapêutica, portanto, foi mantida por mais 30 dias. Ao segundo retorno, a constatação da evolução foi de mais 15%, continuando-se assim o tratamento por mais 60 dias, sempre com a orientação de mudança ambiental, da rotina do animal e da interação com seus tutores.

Por fim, ressalta-se que, nos dias atuais, os distúrbios de comportamento representam uma realidade na clínica veterinária pela proximidade dos animais com seus donos, cabendo ao profissional estar preparado para essa abordagem. A correta utilização dos medicamentos homeopáticos tornou o cão novamente sociável, alcançando de forma eficaz e efetiva o comportamento esperado para um cão domesticado e abrindo mão de tratamentos como o de choque, que poderia gerar sérios efeitos colaterais.

36 USO DO TIMOL COMO CONSERVANTE DE AMOSTRAS DE URINA DE FELINOS

COUTINHO, J. E. S.¹; SAAD, F. M. O. B.²; PADOVANI, C. P.³; SANTOS, J. P. F.¹; OGOSHI, R. C. S.⁴; FRANÇA, J.⁵

¹ Médico-veterinário da Faculdade Max Planck. E-mail: eduardo.coutinho90@gmail.com

² Médico-veterinário da Universidade Federal de Lavras

³ Médico-veterinário da Royal Canin do Brasil

⁴ Médico-veterinário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

⁵ Médico-veterinário da Universidade Federal de Uberlândia

O exame de urina, importante procedimento laboratorial empregado em Medicina Veterinária, é um exame de triagem empregado em diversas condições clínicas. Contudo, apresenta o inconveniente da necessidade de refrigeração das amostras para melhor conservação. De fato, se as amostras de urina permanecerem poucas horas em temperatura ambiente, podem sofrer alterações de suas características físico-químicas, entre as quais ressalta-se o pH. Este trabalho avaliou a eficiência do timol (2-isopropil-5-metil-fenol) como conservante de amostra de urina de felinos. Foram utilizados 30 gatos adultos, machos e fêmeas, sem raça definida, com peso médio de $3,50 \pm 0,73$ kg, adaptados a uma dieta comercial classificada como *standard*. O ensaio experimental comparou dois tipos de metodologia destinados a conservar a urina: gelo e timol p.a. A duração do ensaio foi de três dias.

A urina dos animais, proveniente de micção natural, foi coletada em um período de 24 horas. Uma parte da urina foi acondicionada em garrafas do tipo PET mergulhadas em gelo e mantidas à temperatura de 5°C, outra parte foi conservada em garrafas do tipo PET, com 0,1g de timol p.a. Decorrido o período de 24 horas, o pH das amostras foi mensurado em um peagâmetro digital de bancada durante três dias consecutivos. Os dados foram analisados com o emprego do *Statistical Analysis System* pelo teste T, o nível de significância adotado foi de 5%. Os valores médios de pH urinário mensurados de acordo com as duas metodologias de conservação empregadas, gelo e timol, foram, respectivamente, de 7,88 e 7,73 ($p > 0,05$), com variação de apenas 0,15 unidade de pH. Os valores elevados de pH urinário, superiores aos da faixa de variação média para felinos (6,2 – 6,4) podem ser explicados pela composição e teores minerais da dieta oferecida aos animais durante a investigação. A conclusão obtida foi que o timol não determinou alterações no pH da urina em relação às amostras mantidas em baixa temperatura, e pode ser considerado como um conservante eficiente para a urina de gatos.